



*Ano novo (fragmentos)*¹

Leila Danziger*

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) | Rio de Janeiro, Brasil
leiladanziger@gmail.com

Desfaço o apartamento –
o quarto dos fundos
era a pátria

guardo intacta a lembrança
das varandas que se fecharam
antes de meu nascimento
com divisórias complacentes
permeáveis ao mundo –

tudo vaza
para o interior
e janelas-fantasma
insistem em enquadrar
a lembrança
do oceano.

Tenho certeza –
ele gostaria da gata
que percorre lá no alto
suas estantes agora vazias

ela faz o luto

do espaço

¹ Publicado originalmente em *Ano novo*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2016. p. 13, 15, 16, 18, 19, 22, 23, 24. Disponível em: <https://cutt.ly/2EkKwfG>. Acesso em: 30 abr. 2021.

* Artista plástica, professora do Instituto de Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.



aos saltos

alcança as prateleiras mais longínquas
onde os livros eram apenas
monumentos.

E da soleira da porta,
ao piscar os olhos, vejo
a imagem indestrutível do que era
projetar-se sobre o espaço vazio

a gata não sabe
mas pisa matéria que ainda esfria

seus tufos de pelo branco
substituem o pó (antigo húmus
do quarto).

Desejo apenas o que há de mais inútil
em seus arquivos –

certificados de garantia
de todos os eletrodomésticos
obsoletos

manual da Kombi de 1970

pocket books
(tantas capas de naufrágios)

dezenas de fitas magnéticas
com camadas de ruídos
em tempo longuíssimo.

Leio 30 anos de nossas vidas
em fichas de débitos
e créditos –
Estou ali, no centro
de seus mundos



em extinção.

Recolho promessas de sua língua
da infância –
calcinações do solo perdido
e prospectos intactos na língua
renascida (alef-beit
incandescente).

Reviro blocos de décadas
cuja integridade
se rompe ao meu contato

e entendo –

brinco de céu
e inferno
com os objetos

sou o Além
das coisas
remotas.

Solto as páginas das agendas
libero os dias
embaralho semanas, meses, anos
modelo a massa do tempo que foi seu
– entre 1921 e 2011 –
um intervalo colossal
de eternidade humana.

Misturo minhas agendas
às suas extensões
de branco
sobre branco
e reservas de futuros
intactos
projetam-se
para além do fim
dos tempos



que teve início
em trinta e um
de dezembro
ou cinco
de Tevet.

[Indiferente,
a gata atravessa calendários
e adormece em maio
de 1972.]

*Quase sem direitos
no Brasil os brasileiros naturalizados –
diz o recorte de jornal
guardado desde 11 de abril de 1957.*

E talvez tenha se entristecido porque não poderia

- reger escolas rurais
- comandar navios
- lecionar geografia e história do Brasil
- ser prático de rios, portos e canais
- possuir empresa jornalística ou de rádio difusão
- ser professor primário, ministro
ou presidente da república.

Seu nome –
anagrama de flor.

Às vezes
fechava os olhos
e dizia que não queria
 não queria mais
 não queria mais seguir
respirando
por um tubo



por um fio
3.190 dias
sem a alegria
do tempo ritmado
pelas contas pagas
luz
gás,
telefone
sua escrita-contabilidade
 paralisada
nos pulmões hipoexpandidos
aorta alongada
aparente aumento do coração
cateter da veia inominada esquerda
traqueostomia
monitorização

Não sei o que fazer
com tantas radiografias
de seus pulmões –

leio as imagens
contra o vidro da janela
que era a sua preferida na casa

busco o ar que circulava
e sei apenas:
seus ossos são luz

o tórax enquadra a manhã de dezembro
em voz alta, repito –
 pleura
 brônquios
 alvéolos

naquela arquitetura
seu coração ainda batia
não há segredos



nem alterações evolutivas significativas –

repete o laudo
dezenas de vezes.

Apagada
a trilha sonora
do passado –
presente da casa
desfeita.

Silenciaram-se
as TVs
noite e dia
os ventiladores
noite e dia
as chaves
de muitas voltas.

Desfeita a sintonia
com 7 da noite
em Brasília
(FM 91.7 MHz).

Mas armazeno
para o futuro
126 arquivos
de ruídos –
ruínas gravadas
do rádio.

Às vezes, ouço
sua tosse –
raramente
sua voz.

Recebido em: 23/02/2021.
Aprovado em: 23/03/2021.